

## Tolentino Mendonça: Da Insularidade à Poesia do Corpo

### Tolentino Mendonça: From Insularity to the Poetry of the Body

Cidália Dinis<sup>1</sup>

#### Resumo

Tolentino Mendonça nasceu em 1965 na Ilha da Madeira (Machico). Considerado por muitos como um dos poetas mais representativos da nova geração de escritores portugueses, Tolentino é o poeta da saudade, da infância, do Corpo. A sua poesia é muito mais do que a mera simplicidade ou sentimento, é a poesia do afeto, da pluralidade de sentidos, da insularidade do silêncio, a partir do qual se desnuda um mundo – o da materialidade do Corpo.

Em *A Noite Abre Meus Olhos – Poesia reunida*, o leitor é não só reconduzido pelos meandros da memória, como também é confrontado não com o *Corpo* enquanto finitude, mas enquanto «fuga para a pluralidade dos sentidos», enquanto «Verbo», sem cortar o cordão umbilical com a Alma. Aqui os cinco sentidos ganham forma e a limpidez dos versos adquirem os contornos de um *Corpo*.

**Palavras-chave:** Poesia; Memória; Insularidade; Corpo.

#### Abstract

Tolentino Mendonça was born in 1965 on the Island of Madeira (Machico). Considered by many as one of the most representative poets of the new generation of Portuguese writers, Tolentino is the poet of *saudade*, of childhood, of the Body. His poetry is much more than mere simplicity or feeling; it is the poetry of affection, of the plurality of meanings, of the insularity of silence, from which a world – that of the materiality of the Body – is exposed.

In *A Noite Abre Meus Olhos – Poesia reunida*, the reader is not only brought back by the intricacies of memory, but is also confronted not with the Body as finitude, but as «fuga para a pluralidade dos sentidos», as «Verbo», without cutting the umbilical cord with the

---

<sup>1</sup> Doutorada em Literaturas e Culturas Românicas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e bolsista de pós-doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas (FCT/POPH/QREN/UE). Investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». O seu campo de investigação abrange a edição crítica de textos da Época Barroca, tendo já artigos publicados em revistas e participado em colóquios da especialidade. Contacto: [cidaliadinis@sapo.pt](mailto:cidaliaadinis@sapo.pt).

Soul. Here the five senses take shape and the limpidity of the verses acquire the contours of a Body.

**Keywords:** Poetry; Memory; Insularity; Body.

«ISTO É O MEU CORPO

«O corpo tem degraus, todos eles inclinados  
milhares de lembranças do que lhe aconteceu  
tem filiação, geometria  
um desabamento que começa do avesso  
e formas que ninguém ouve

«O corpo nunca é o mesmo  
ainda quando se repete:  
de onde vem este braço que toca no outro  
de onde vêm estas pernas entrelaçadas  
como alcanço este pé que coloco adiante?

«Não aprendo com o corpo a levantar-me  
aprendo a cair e a perguntar»<sup>2</sup>

«Isto é o meu Corpo» – Corpo, que é de luz, de partilha, de celebração, de simplicidade, de efemeridade, mas também de sentimentos, da razão, da emoção, da entrega e da memória. O Corpo enquanto Poesia do afeto, da pluralidade de sentidos, da insularidade do silêncio. Aqui os cinco sentidos ganham forma e a limpidez dos versos adquirem os contornos de um Corpo.

Em *A Noite Abre Meus Olhos*, poesia reunida, com posfácio de Jerónimo Pizarro, assistimos já a uma poesia que instiga o leitor a uma constante indagação enquanto «ser» no mundo, enquanto portador de voz, mas também do silêncio:

«O silêncio é a partilha  
do furtivo  
lume»<sup>3</sup>

Degrau a degrau, o leitor é convidado a embrenhar-se no Corpo, a penetrar no mundo da memória e a (re)descobrir todo um percurso de vida imbuído de «lembranças»:

«A PRIMEIRA MORADA  
«lembro-me, a mãe subia  
pela tarde transportando  
pequenos vasos de  
orquídeas, cavando junto

<sup>2</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 246.

<sup>3</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 37.

ao muro alto  
onde se abrigavam pezinhos  
de hortelã e crisântemos, vigiando  
o florir lento dos antúrios  
pondo e dispondo flores  
com uma atenção muito grave  
feita de silêncio e  
cuidado  
«[...]»<sup>4</sup>

É desta «partilha do silêncio», clara evocação da memória, que se esboça *A Noite Abre Meus Olhos*. A Noite nada mais é do que a lente de uma câmara que fotografa a verdadeira essência de cada um, o reflexo do Homem e da sua consciência, na procura de uma resposta interior para as suas indagações. É desta consciencialização da sua existência que o Poema irrompe num «exercício de dissidência», obrigando a «pernoitar na solidão dos bosques, em campos nevados, por orlas intactas. Que outra verdade existe no mundo para lá daquela que não pertence a este mundo? O poema não busca o inexprimível: não há piedoso que, na agitação da sua piedade, não o procure. O poema devolve o inexprimível»<sup>5</sup>.

Abraçando a «impureza que o mundo repudia»<sup>6</sup>, o poema abre os olhos, para o constante (re)começar, para um silêncio do Corpo que se quer interior – o do espaço, o da escuta, o da fé.

É do encontro com o mundo dos afetos, com o silêncio, o quotidiano, a circunstância e a noite que a sua poesia espelha intemporalidade, num «espaço» que é não só o da insularidade, mas também da redescoberta do Corpo enquanto ser finito e infinito, alimentado pelas recordações:

«A CASA ONDE ÀS VEZES REGRESSO  
«A casa onde às vezes regresso é tão distante  
da que deixei pela manhã  
no mundo  
a água tomou o lugar de tudo  
reúno baldes, estes vasos guardados  
mas chove sem parar há muitos anos  
«Durmo no mar, durmo ao lado de meu pai  
uma viagem se deu  
entre as mãos e o furor

<sup>4</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, pp. 15-16.

<sup>5</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 202.

<sup>6</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 202.

uma viagem se deu: a noite abate-se fechada  
sobre o corpo

«Tivesse ainda tempo e entregava-te  
o coração»<sup>7</sup>

O «coração» é pois símbolo de vida, do amor, a representação máxima da individualidade de cada um, da sabedoria, da justiça, do nascimento e da regeneração, pois «dele procedem as fontes de vida»<sup>8</sup>. Mas é também lugar de «afectos», da infância e da marca que essa infância deixou tatuada na pele, na memória do Corpo:

«[...]»

«lembro-me de uma janela  
na Travessa da Infância  
onde seguindo o rumor dos autocarros  
olhei pela primeira vez  
o mundo

«[...]»<sup>9</sup>

Deste fascínio pela Infância vai-se modelando um mundo marcado pela insularidade e pela palavra divina – «No princípio era a Ilha»<sup>10</sup> – o «arché» do Corpo, do Verbo. O simples «olhar as estrelas», do «tempo» que «marcava a latitude das estrelas/ ordenando berlines/ sobre a erva», dá lugar a «um tumulto/ que pode abalar/ a ordem do universo». Abre-se a porta para uma poesia enquanto pluralidade de significados, enquanto espaço, onde o «Eu» se dá a conhecer pela (re)descoberta e a observação do Outro.

Tal como Fernando Guimarães, também Tolentino Mendonça parece «indagar no mundo o seu semelhante que é o seu diferente»<sup>11</sup>:

«SCRIPTUM

«Poderá a imagem  
descrever o rosto?  
e a voz explicar  
a palavra?»<sup>12</sup>

– «um outro absoluto que vagueia pelo mundo para, no seu espaço, na construção que é o poema, se encontrar a si mesmo:

<sup>7</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 85.

<sup>8</sup> ALVES, HENRIQUES, 2003, «Provérbios», in *Bíblia Sagrada*, 4: 23.

<sup>9</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 14.

<sup>10</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 11.

<sup>11</sup> SILVEIRA, 1992, «A Cerimónia do Rosto», p. 11.

<sup>12</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 17.

«O poema nasce  
dentro das tuas mãos  
enquanto repousa  
nelas o teu rosto.

«Não é uma canção:  
são os lábios apenas  
ou o peito respirando  
antes da palavra.

«Arquitectura última  
que depois se eleva,  
porque tua a criaste  
para sempre livre.

«Talvez uma ave  
seja a sua forma  
ao passar o voo  
que continua o poema.»<sup>13</sup>

O poema é então «uma das formas de manifestação do espírito, constituindo uma reserva de beleza capaz de salvar o mundo, ou de, pelo menos, se contrapor à corrente dessacralizante que o percorre»<sup>14</sup>. Pode ser apenas um mero «ofício incerto das palavras/ a evocação do tempo/ [...] o provisório olhar»<sup>15</sup>, mas também um ato de purificação, num claro diálogo com o sagrado, mesmo quando «Deus apaga/ o nosso rasto/ como se apagasse uma vela»<sup>16</sup>.

Daqui resulta um caminho que por vezes é tortuoso, labiríntico, ermo, onde o poeta vivencia uma experiência religiosa de interrogação, de clara insatisfação interior. É nesse contacto, com o mundo real, com essa sede e fome de compreender o ser imperfeito que vislumbra Deus:

«PARA LER AOS NOVIÇOS

«Deus não aparece no poema  
apenas escutamos a sua voz de cinza  
e assistimos sem compreender  
a escuras perícias

«A vida reclama inventários e detalhes  
não a oiças

---

<sup>13</sup> Poema de Fernando Guimarães citado por SILVEIRA, 1992, «A Cerimónia do Rosto», pp. 11-12.

<sup>14</sup> REYNAUD, 2012, «José Tolentino Mendonça: O Ofício Incerto das Palavras», p. 64.

<sup>15</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 25.

<sup>16</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 329.

quando inutilmente perscruta as sequências  
do seu trânsito

«Só há um modo verdadeiro de rezar:  
estende o teu corpo ao longo do barco  
que desce silencioso o canal  
e deixa que as folhas mortas dos bosques  
te cubram»<sup>17</sup>

Deus é então intemporal, do Mundo e para o Mundo, mesmo quando «vacila»  
dentro de nós:

«QUANDO DEUS VACILA EM MIM

*«Deus é impotente e fraco no mundo, e somente  
assim está conosco e nos ajuda.*

DIETRICH BONHOEFFER

«Quando Deus vacila em mim  
sem adornos, ataduras, sem outro pretexto  
Quando o sinto a ponto de perder-se  
na folhagem a meu lado  
compreendo o grande mistério  
uma lei face à qual as palavras  
não servem

«Deus abraça o meu vazio profundamente grato  
Abraça a imundície de todos os seus filhos  
e continuamente declara-os bem-aventurados

«Pois Deus sendo casto deixa-se consumir  
com a paixão insultuosa  
dos devassos»<sup>18</sup>

Partindo de um mundo pleno de contrastes, onde a Luz/Noite, o Pagão/o Divino, o  
Sonho/o Real se fundem, o poeta inscreve a sua marca de uma forma lapidar e cristalina,  
reflexo da sua condição de «Caminhante», em clara articulação com a Bíblia ou com outros  
poetas. Daqui, resultará uma certa familiaridade com Fernando Guimarães pela busca do  
Outro, ou com Sophia de Mello Andresen<sup>19</sup>, visível na arquitetura extremamente clara e

---

<sup>17</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 213.

<sup>18</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 260.

<sup>19</sup> Veja-se a este propósito o poema de Sophia ANDRESEN (1958):  
«Corpo

«Corpo serenamente construído  
Para uma vida que depois se perde  
Em fúria e em desencontro erguidos  
Contra a pureza inteira dos teus ombros.

cristalina que os seus poemas refletem, na preferência pelas palavras nuas e limpas, ou com Carlos Drummond de Andrade, numa viva comunicação das necessidades primeiras do Corpo e da Alma:

«A Metafísica do Corpo

«A Sonia von Brusky

«A metafísica do corpo se entremostra  
nas imagens. A alma do corpo  
modula em cada fragmento sua música  
de esferas e de essências  
além da simples carne e simples unhas.

«Em cada silêncio do corpo identifica-se  
a linha do sentido universal  
que à forma breve e transitiva imprime  
a solene marca dos deuses  
e do sonho.

«[...]»<sup>20</sup>

Contudo, Tolentino Mendonça impõe-se num outro sentido, deixa transparecer uma escrita dúctil, elegante, perpassada simultaneamente por uma voz acutilante, mas também pela voz do silêncio – o silêncio da palavra, nua e crua, o silêncio das memórias vividas, o sentimento de insularidade, enquanto pequeno espaço que se desdobra num mundo rico em múltiplas e infinitas vidas; o silêncio que advém do conhecimento poético, da experiência com Deus e de todo o conhecimento adquirido através da utilização dos sentidos:

«OS VERSOS

«Os versos assemelham-se a um corpo  
quando cai  
ao tentar de escuridão a escuridão  
a sua sorte

---

«Pudesse eu reter-te no espelho  
Ausente e mudo a todo outro convívio  
Reter o claro nó dos teus joelhos  
Que vão rasgando o vidro dos espelhos.

«Pudesse eu reter-te nessas tardes  
Que desenhavam a linha dos teus flancos  
Rodeados pelo ar agradecido.

«Corpo brilhante de nudez intensa  
Por sucessivas ondas construído  
Em colunas assente como um templo.»

<sup>20</sup> ANDRADE, 2015, *Corpo*, p. 13.

«nenhum poder ordena  
em papel de prata essa dança inquieta»<sup>21</sup>

É desta sua capacidade de conferir ao discurso um sopro renovador, que os seus versos se revestem de originalidade. Em *A Noite Abre Meus Olhos*, mais do que uma atenta observação dos pequenos nada, da realidade que o rodeia, realidade que é Corpo, mundo subtil entre o Céu e a Terra, o leitor é confrontado não só com a indagação constante,

«[...]»

«Eu por mim nunca sei  
se estou irremediavelmente longe ou demasiado perto de Deus  
às vezes pergunto-me quantas vezes o corvo deverá  
bater as asas negras  
entre o meu corpo e o seu»<sup>22</sup>

como também com poéticas soluções:

«[...]»

«Só há um modo verdadeiro de rezar:  
estende o teu corpo ao longo do barco  
que desce silencioso o canal  
e deixa que as folhas mortas dos bosques  
te cubram»<sup>23</sup>

Engana-se o leitor que pensa encontrar na sua obra uma poética platoniana voltada para a dicotomia entre Corpo e Alma, ou para uma poética cartesiana, onde a alma é a «res cogitans» de natureza espiritual – o pensamento – e o corpo a «res extensa», o corpo enquanto máquina, regido pelas leis universais<sup>24</sup>. Nela, encontramos antes o Corpo numa ligação umbilical com o Cosmos. Aqui Corpo e Alma fundem-se num só. O Corpo já não encerra em si o sinónimo de finitude, mas é antes o lugar onde se resiste ao tempo, onde se «aprende» a cair e a «perguntar», na busca pela infinita diversidade de sentidos:

---

<sup>21</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 97.

<sup>22</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 201.

<sup>23</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 213.

<sup>24</sup> Veja-se a este propósito o artigo «Corpo Lírico: A Poesia em Tempos de Desfalecimentos e Inanição» (CINTRA, 2010, pp. 141-150). Aqui faz-se uma primeira abordagem sobre a concepção dual Corpo/Alma em Platão. Tal como o mundo platónico, também o Homem se compõe de duas partes: uma parte eterna – a alma, e uma parte corpórea, susceptível de se corromper. Já em Descartes, a Alma é-nos descrita enquanto «substância pensante», por oposição ao corpo «substância extensa» com comprimento, largura e altura. A existência do Homem deve-se, assim, à essência da Alma. Por último, em Nietzsche, destaque para a importância que outrora era conferida ao «Eu» na Filosofia Moderna e que dá agora lugar ao Corpo.

«Perguntas quanto tempo deves rezar?  
a papoila na encosta  
é vermelha sempre»<sup>25</sup>

É através desta conjugação de sentidos (visão, olfato, gosto, audição, tato), que se «desenha músculos, cavidades/ sistematiza nervuras que sirvam/ de guia à estranheza»<sup>26</sup>:

«O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos. Se o pé dissesse: «Uma vez que não sou mão, não faço parte do corpo», nem por isso deixaria de pertencer ao corpo.

«E se o ouvido dissesse: «Uma vez que não sou olho, não faço parte do corpo», nem por isso deixaria de pertencer ao corpo. Se todo o corpo, fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfacto?

«Deus, porém, dispôs os membros no corpo, cada um conforme lhe pareceu melhor. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Há, pois, muitos membros, mas um só corpo.»<sup>27</sup>

Em *A Noite Abre Meus Olhos*, o poeta convida o leitor a embrenhar-se no mundo dos sentidos, mesmo quando o tempo é fugaz:

«[...]  
«Vem sentir o cheiro das amendoeiras  
«[...]»<sup>28</sup>

O «olhar» ganha, assim, especial destaque nesse processo de avaliação e progressão interior. Os olhos são «a lâmpada do Corpo»<sup>29</sup>, com eles contemplamos ora o mundo exterior, mas também penetramos na nossa memória, renovando-nos interiormente. Aqui embora «cego», o poeta alimenta-se da luz divina. Símbolo da percepção intelectual, da clarividência, «os olhos» são, pois, o elo entre o mundo interior e o exterior. Já a boca, mesmo quando «cheia de silêncio»<sup>30</sup>, ela tem a capacidade de discernir o Bem do Mal, de questionar-se sucessivamente, uma vez que quem tem o sentimento de Cristo tem a capacidade de saborear a palavra divina. Mas, é com os seus «dedos inquietos na ignorância/ do fogo»<sup>31</sup> que procura desvendar esta sua ligação umbilical com o divino. Sentir o mundo exterior é, assim, feito desse contacto com a pele, com as mãos num ato de cura e libertação, numa aproximação clara de Deus com o Homem; é o regressar novamente ao Mistério do Corpo: Quem nos criou? De onde vimos? Somos seres finitos ou infinitos?

<sup>25</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 357.

<sup>26</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 209.

<sup>27</sup> ALVES, HENRIQUES, 2003, «1.ª carta aos Coríntios», *Bíblia Sagrada*, 12: 14-20.

<sup>28</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 13.

<sup>29</sup> ALVES, HENRIQUES, 2003, «S. Mateus», *Bíblia Sagrada*, 6: 22.

<sup>30</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 387.

<sup>31</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 29.

«A TUA MÃO

«Reconheço a tua mão nesse abandono  
visível não sei se pela escuridão  
ou pela luz  
quase sinto a natureza da tua vida  
uma linha de fogo em enormes proporções  
nesta mão  
elegante, íntima, delicada  
os dedos em inclinação muito leve  
nem chega a ser um gesto  
«tanto se parece a uma despedida»<sup>32</sup>

Voando nas asas do silêncio, as palavras revestem-se de intemporalidade e o poema esse pronuncia-se:

«Há vários silêncios  
desde o início aprende a dizer  
o plural»<sup>33</sup>

Essa intemporalidade insurge-se pela capacidade que o poeta tem de alimentar e ouvir a sua «desobediência interior»<sup>34</sup>:

«[...]»  
«Ela deixava quebrar os vasos só para os ouvir  
porque tudo tem uma voz mesmo as coisas mudas  
e o silêncio é uma ímpia forma de desobediência  
«[...]»  
«e ficava a ouvir não os tiros  
mas o incrível silêncio que sucede a cada tiro  
De noite dizia-se vacilante e perdida  
Depois vinha o dia e a rasura  
a repetida ordenação que os acentos concedem  
às palavras  
a quase paixão que jamais tocava os seres  
sempre e só a sua representação»<sup>35</sup>

De silêncio em silêncio, cabe ao leitor, peregrino errante, encontrar-se com o poema para saborear, escutar, cheirar, ver e sentir as palavras nuas, os profundos versos que adquirem os contornos de um Corpo. Resta-lhe, agora, fundir-se com o Corpo do Poema:

---

<sup>32</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 157.

<sup>33</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 302.

<sup>34</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 71.

<sup>35</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, pp. 71-72.

«Agora só resta  
tornares-te  
o poema»<sup>36</sup>

## Bibliografia

- ALVES, Herculano (ed. lit.), HENRIQUES, Américo (trad.), 2003, *Bíblia Sagrada: Para o Terceiro Milénio da Encarnação: versão dos textos originais*, 4.ª ed., Lisboa, Fátima, Difusora Bíblica.
- ANDRADE, Carlos Drummond de, 2015, *Corpo*, posfácio de Maria Esther Maciel, 1.ª ed., S. Paulo, Companhia das Letras.
- ANDRESEN, Sophia de Mello, 1958, *Mar Novo*, 1.ª ed., Guimarães Editores.
- CINTRA, Elaine Cristina, 2010, «Corpo Lírico: A Poesia em Tempos de Desfalecimentos e Inanição», in *Olho d'Água*, S. José do Rio Preto, 2(1), pp. 141-150.
- GUIMARÃES, Fernando, 1992, *Conhecimento e Poesia*, Póvoa de Varzim, Oficina Musical-Porto.
- MENDONÇA, José Tolentino, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos* [poesia reunida], posfácio de Jerónimo Pizarro, 3.ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim.
- REYNAUD, Maria João, 2012, «José Tolentino Mendonça: O Ofício Incerto das Palavras», in *Rassegna Iberistica*, Roma, Bulzoni, n.º 95, pp. 61-67.
- SILVEIRA, Laureano, 1992, «A Cerimónia do Rosto», in GUIMARÃES, Fernando, *Conhecimento e Poesia*, Póvoa de Varzim, Oficina Musical-Porto, pp. 9-21.

---

<sup>36</sup> MENDONÇA, 2014, *A Noite Abre Meus Olhos*, p. 438.

